

Oportunidades de aprendizagem: uma experiência em aulas de língua estrangeira

Learning opportunities: an experience in foreign language classes

Oportunidades de aprendizaje: una experiencia en clases de idiomas extranjeros

Aline Cristina Flávio da Silva¹

Resumo: Este trabalho apresenta um relato de experiência em um curso de idiomas, constituindo um trabalho autorreflexivo do meu aprendizado, das oportunidades de aprendizagem que obtive enquanto aprendiz. O aporte teórico se fundamenta na noção de criação de oportunidade de aprendizagem de Crabbe (2003) e Allwright (2005) e sobre as formas de analisar as oportunidades (KUMARAVADIVELU, 2006; D'ESPÓSITO; CELANI, 2017). Os dados foram coletados por meio da confecção de diários reflexivos (LIBERALI, 1999; MIRANDA; FELICE, 2012) em que eram anotadas todas as reflexões feitas após as aulas. Os resultados da reflexão indicam que há criação de oportunidades de aprendizagem nesse curso de idiomas.

Palavras-chave: Relato de experiência. Autorreflexão. Oportunidade de aprendizagem.

Abstract: This paper presents an experience report in a language course, constituting a self-reflective work of my learning, the learning opportunities that I obtained as a learner. The theoretical basis is based on the notion of learning opportunity creation by Crabbe (2003) and Allwright (2005) and on the ways of analyzing opportunities (KUMARAVADIVELU, 2006; D'ESPÓSITO; CELANI, 2017). Data were collected by making reflective diaries (LIBERALI, 1999; MIRANDA; FELICE, 2012) in which all reflections made after classes were noted. Reflection results indicate that learning opportunities are created in this language course.

Keywords: Report of experience. Self-reflection. Learning opportunity.

Resumen: Este documento presenta un informe de experiencia en un curso de idiomas, que constituye un trabajo autorreflexivo de mi aprendizaje, las oportunidades de aprendizaje que obtuve como alumno. La base teórica se basa en la noción de creación de oportunidades de aprendizaje de Crabbe (2003) y Allwright (2005) y en las formas de analizar oportunidades (KUMARAVADIVELU, 2006; D'ESPÓSITO; CELANI, 2017). Los datos se recopilaban haciendo diarios reflexivos (LIBERALI, 1999; MIRANDA; FELICE, 2012) en los que se anotaron todas las reflexiones realizadas después de las clases. Los resultados de la reflexión indican que se crean oportunidades de aprendizaje en este curso de idiomas.

Palabras clave: Informe de experiencia. Autorreflexión oportunidad de aprendizaje.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, é apresentado um relato de experiência da autora enquanto aprendiz de língua inglesa em um curso de idiomas realizado na cidade de São Paulo, refletindo sobre a criação de oportunidades de aprendizagem. As observações foram anotadas em diários reflexivos (LIBERALI, 1999; MIRANDA; FELICE, 2012) produzidos semanalmente. Nesse sentido, é analisado o programa de um módulo do curso e os recursos utilizados na escola ao buscar melhorar a qualidade do ensino. Além disso, esclarece-se sobre a relação professor-aluno em sala de aula levantando o que se caracteriza como criação de oportunidades de aprendizagem e são explicadas as vantagens advindas da criação de oportunidade.

O relato refere-se a um período de quatro meses de um curso de nível pré-intermediário com duas aulas semanais em que foram realizados vários diálogos em sala de aula resultantes, em sua maioria, de discussões acerca de temas expostos no livro didático utilizado ou de te-

mas criados pelo professor. Os temas sempre enfocavam um uso gramatical e seu contexto de ocorrência. Além disso, para praticar a compreensão oral havia, com frequência, o uso de vídeos, já a parte escrita se resumia às produções escritas, sendo exigida uma por mês.

Como fundamentação teórica para delimitar o que são oportunidades de aprendizagem o trabalho está ancorado em Crabbe (2003) e Allwright (2005), e acerca das formas de manter-se atento para as oportunidades tem-se como base a proposta de Kumaravadivelu (2006), bem como trabalhos de outros pesquisadores que já pesquisaram sobre o tema (WALLACE, 1991; CELANI, 1992; D'ESPOSITO; CELANI, 2017).

A justificativa para este trabalho é refletir sobre o aprendizado da autora e divulgar o que pode ser oportunidade de aprender uma língua estrangeira, pois o que foi oportunidade para uma pessoa pode ser para outras pessoas e talvez elas não se deem conta disso e passam pelo processo de aprendizagem sem efetivá-lo de modo consistente. Nesse contexto, também é importante va-

¹Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem - PUCSP; Graduação em Letras pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais (Unidade de Passos). E-mail: alineflaviosilva@yahoo.com.br

ler-se das palavras de Crabbe que enfatiza a validade de fazer um trabalho desse porte, pois segundo o autor “É importante que o aprendiz avalie a si mesmo” (CRABBE, 2003, p.31).

A PROPOSTA DO CURSO DE IDIOMAS E OS RECURSOS DISPONÍVEIS

Na escola de idiomas em que o curso foi realizado, que será denominada XXX, a proposta é “você pode aprender inglês. Ou escolher viver o inglês”. A meta é mostrar para o aluno a possibilidade de viver a língua inglesa além da sala de aula e por meio das suas paixões, ou seja, por meio do que ele gosta, e é por isso que a escola abriga inúmeras atividades culturais interativas, de forma a promover um intercâmbio cultural, tornando o aprendizado dinâmico e natural.

Dentre as atividades culturais oferecidas pela escola têm-se apresentações de teatros gratuitas, shows com preços promocionais, além de oferecer a oportunidade de o aluno participar de um coral formado pela escola. Esse coral é uma grande oportunidade para o aluno aprender a língua em uso, fazendo uma atividade que traz bem-estar, pois por meio da música o aluno se apropria da língua sem imposição, o que torna o aprendizado muito mais prazeroso.

A escola promulga que o aprendizado da língua inglesa permite ao aluno tornar-se independente, o que é uma excelente avaliação, pois, sendo a língua mais falada no mundo atualmente temos indício de que ao fazer uso dela ele já se torna “empoderado” para se comunicar com o mundo, tornando-se independente.

Outra interessante forma de oportunizar o aprendizado da língua estrangeira é o recurso online que a escola utiliza. Conforme divulgado no próprio portal, o ambiente virtual possui mais de 3.700 atividades para ajudar o aluno praticar inglês também fora da sala de aula, a hora que quiser. A página inicial apresenta um resumo de estudos online, com diferentes temas e tem um recurso chamado *Culture World* que é um “universo virtual” em que é possível dialogar adaptando-se à cultura do outro país. Além disso, esse recurso traz outra interessante ferramenta: o *My Pad* com o qual é possível produzir uma página digital com recursos disponibilizados pelo *Culture World*. Ele permite também que se escreva um texto ou grave um diálogo ou frase de um tema e compare com o original para aprimorar a pronúncia e a fluência e isso pode ser compartilhado com o professor ou com toda a turma para receber comentários. Trata-se de importantes ferramentas que deveriam ser mais divulgadas para o aluno se apropriar.

O ambiente online também divulga que há mais de 30 personagens que simulam situações cotidianas em quatro grandes ambientes: *People and Society* (Gente e Sociedade), *Lifestyle* (Estilo de vida), *Sport* (Esporte) e *Entertainment* (Entretenimento). Somado a isso, contam também com um total de 800 vídeos e mais de 300

clipes de áudio que permitem treinar a compreensão oral e ainda mostram sotaques diversos.

O portal também disponibiliza diversos exercícios de acordo com os temas na área de estudos, ou seja, um roteiro de estudos de acordo com o nível do aluno. Essa prática de exercícios é exigida pelo professor, pois no resultado final da avaliação é computada a quantidade de vezes em que cada aluno fez os exercícios e o número de erros e acertos. Em relação a esses exercícios, o professor se disponibilizava a esclarecer as dúvidas caso houvesse.

É importante destacar também que no portal há troca de mensagens com o professor, e ele sempre postava *homeworks* e alguns tópicos estudados em sala de aula, como, por exemplo, expressões, preposições e links de exercícios extras.

Outra possibilidade que o portal promulga é o inglês para negócios, que simula situações reais: reservas em restaurantes, entrevistas de emprego, telefonemas e atividades para níveis iniciantes, sendo situações que ajudam a falar sobre viagens, pessoas, costumes, etc. Esse item vai ao encontro do perfil dos estudantes, uma vez que se interessam por essas situações já imaginando o momento de conhecer o país da língua-alvo. Além disso, muitos estudantes viajam a trabalho ou para realizar intercâmbio.

Há também simulações de exames internacionais e materiais de consulta como dicionário com ilustrações, expressões de uso mais frequente, mapas e pronúncia em inglês britânico e americano, explicações gramaticais em animações didáticas, notícias semanais do jornal *The Guardian*, escritas em três níveis de dificuldade, modelos de redação e modelos de textos profissionais para ajudar no trabalho: relatórios, cartas, e-mails, entre outros.

A CONSTRUÇÃO DO DIÁLOGO

De acordo com Crabbe (2003), a regra do aprendiz é buscar oportunidade de aprendizagem da língua e a regra do professor é encorajar o aluno a essa busca. E sobre essa criação de oportunidade Allwright (2005) pontua que está relacionada ao planejamento das lições, ajustamento e aproximação para os termos próximos ao aluno, e tem a parte de consciência externa em que o aluno pode ajudar o professor o orientar, gerenciando juntos o aprendizado, assim o aluno pode mostrar suas dúvidas e o que ele pensa que entendeu. Também nessa direção D’espósito e Celani (2017) esclarecem que des- de o planejamento de um curso já é necessário:

valorizar e considerar a experiência de todos os indivíduos envolvidos, contando com a razão, as emoções, os sentimentos, as intuições e as sensações; (2) possibilitar a ligação, o diálogo e as interações; (3) aceitar e lidar com a desordem, contradições e a possibilidade do erro; (4) inter-relacionar os eventos de forma que haja uma relação entre as partes, num movimento contínuo, não definível e men-

surável, e (5) não enxergar o professor como um indivíduo que detém e transmite o saber, o dono de verdades absolutas. (D'ESPÓSITO; CELANI, 2017, p.3).

Dessa forma, como bem pontua Allwrigh (2005), a oportunidade de aprendizagem envolve características afetivas, cognitivas e sociais, pois envolve o tipo de exemplo dado, talvez o aluno hesite pensar sobre tal assunto e por isso não se interessa em aprender. Ademais, a forma que o aluno se sente corrigido pelo professor também influencia no aprendizado.

Segundo Allwrith (2005), o professor pode aproveitar o ponto, que é o conteúdo para uma aula, para tentar criar oportunidade de aprendizagem, mas a oportunidade é algo fortuito, não é simples para o professor saber se conseguiu criá-la, mas ele precisa tentar por meio do planejamento das aulas e sua atitude em sala de aula. Assim, há dois fatores envolvidos: o envolvimento do professor e a capacidade cognitiva do aluno. Desse modo, é necessário fazer a investigação do que está ocorrendo na sala de aula.

De acordo com Allwrith (2005), é fundamental que se leve em consideração a bagagem do aluno, seu conhecimento prévio e é por isso que é preciso evitar a interpretação de causa e efeito - inadequada visão de ensino-aprendizagem, em que se considera que o professor, enquanto detentor do saber ensina e o aluno aprende.

Também nessa direção é importante considerar os questionamentos expostos por Crabbe (2003) no intuito de orientar o aluno para aproveitar oportunidades motivadas por fatores pessoais, tais como afeto; estilo/experiência; motivo, ação e percepção do resultado. Acerca do afeto, questiona-se o sentimento diante do aprendizado, se está ansioso ou relaxado, qual a crença em relação ao sucesso obtido no processo de aprendizagem. Desse modo, permite ao aluno refletir sobre a autoestima diante desse processo. Já ao que se refere ao estilo, questiona-se as preferências por uma outra habilidade. O motivo, por sua vez, está relacionado ao esforço do aprendiz para obter resultados, sendo assim o autor nos leva a questionar se se busca atingir metas.

Ao que se refere à ação no contexto de aprendizagem, Crabbe (2003) orienta a questionar sobre o modo em que o aprendiz procura as oportunidades, se em classe ou fora dela e a percepção do resultado está voltada para a satisfação pessoal e o sentimento de ser reconhecido por outras pessoas.

Nesse ponto, também há que se levar em consideração que a autonomia é um importante elemento no processo de aprendizagem de línguas, uma vez que o tempo que o aluno passa na sala de aula é mínimo, o que torna fundamental para ele, aproveitar melhor o tempo fora da escola. Nesse sentido, a partir do momento em que o aluno se torna autônomo, ele se torna capaz de dar continuidade ao aprendizado de forma eficiente, sem o constante auxílio do professor.

AS VANTAGENS DA CRIAÇÃO DE OPORTUNIDADE

De acordo com Crabbe (2003), é importante que o aluno compreenda o objetivo das tarefas e que ele seja levado à reflexão. Nesse sentido, faz-se necessário que o aluno saiba como analisar seu aprendizado e refletir sobre ele, o que nem sempre acontece, pois na experiência aqui exposta, a autora só foi levada a refletir sobre as oportunidades de aprendizagem em outro contexto, conforme já mencionado e não durante o curso de línguas e como isso provavelmente ocorre com frequência, é o que leva a muitos alunos desistirem dos cursos de línguas, pois por se considerarem incapazes e sem evolução preferem desistir.

Esse acompanhamento para o aprendizado de línguas é importante para a identidade do aprendiz. É importante também para o aprendiz de línguas ter consciência de que aprender uma língua estrangeira é uma forma de entender a sociedade, entender o outro e se comunicar com ele, diminuindo as diferenças; é conhecer a cultura do outro, respeitar e perceber que há igualdade em meio a diferenças. Nessa direção que Norton (1997, p.410) questiona “como podemos encorajar aprendizes a se tornarem mais competentes comunicativamente?”. Ela observa que o tempo todo os aprendizes alteram a forma de passar uma informação para os interlocutores, portanto é imprescindível que sejam levados a se questionarem acerca da relação com a língua-alvo, como se constrói essa relação em meio aos múltiplos desejos e dificuldades para aprender.

Nesse aspecto também é importante ressaltar a importância do diário reflexivo, que serviu de suporte para a autorreflexão aqui apresentada, pois ele é um meio para o desenvolvimento da reflexão crítica, como bem pontua Miranda e Felice (2012):

o Diário Reflexivo tem a característica de proporcionar ao aluno a oportunidade de refletir sobre sua maneira de aprender, de pensar nas estratégias de aprendizagem que melhor o auxiliam; de possibilitar o aluno a se tornar participante ativo de seu processo de aprendizado; de proporcionar ao aluno uma aprendizagem significativa, pois mediante o Diário Reflexivo, o aluno faz com que seu professor se torne consciente do que tem aprendido e de como aprende; também tem o atributo de possibilitar ao aluno a prática da escrita na língua alvo.

Weedon (1997) citado por Kumaravadivelu (2006, p.175) pontua que a língua é um lugar de possível organização social e onde consequências sociais e políticas são definidas e contestadas. Isso é relevante para ser levado em conta pelo professor, pois é por meio da linguagem que nos constituímos e a construção de subjetividade é constante no aprendizado de segunda língua, o que nos leva a crer na importância de procurar meios que elevem a criação de oportunidade de aprendizagem de línguas.

Kumaravadivelu (2006) explica sobre formas de o aprendiz explorar oportunidade de aprendizagem, como

por exemplo: Identificar estratégias de aprendizagem e estilos, a fim de conhecer seus pontos fortes e fracos como aprendizes da língua; aumentando suas estratégias e estilos, incorporando alguns termos usados por alunos de línguas bem sucedidas; procurando por oportunidades para além da sala de aula por meio de recursos de bibliotecas, centros de ensino e meios de comunicação eletrônicos, como a Internet. Essas ações foram expostas durante a experiência aqui exposta no curso de idiomas, o que favoreceu bastante a autora para melhorar o desempenho no uso da língua estrangeira.

Todo critério que permite avaliar se há criação de oportunidade de aprendizagem ou não é válido no contexto de aprendizado de segunda língua, pois se trata de um “termômetro” para medir o quanto se tem de oportunidade e o que ainda é possível fazer para melhorar o aprendizado e criar novas formas de contribuir para que o aluno se conscientize da capacidade de aprender a língua. Além disso, a escola que cria oportunidade pode contar com alunos mais qualificados nos cursos, trazendo benefícios para ambas as partes.

Há que se destacar também que o uso da internet possibilita ampliação de oportunidades, pois como bem esclarece Kerka (1999) citada por Paiva (2006, p.87) A Internet tem potencial para proporcionar novas modalidades de aprendizagem e superar barreiras de recursos, tempo e espaço; e equalizar oportunidades de aprendizagem.

Paiva (2006, p.114) também acrescenta que o uso de “Material impresso, fotocópias, dicionários, recursos visuais, gravadores, laboratórios de línguas, vídeos, computadores, ferramentas da Internet (chat, e-mail, fórum, plataformas de aprendizagem, etc.) (...)” podem contribuir para que os alunos tenham mais autonomia e oportunidades de aprendizagem.

No contexto de aprendizado aqui relatado, pode-se avaliar que houve bastante criação de oportunidade de aprendizagem, pois ainda que o professor não levasse os alunos a refletir sobre o aprendizado ele criou oportunidades para a autora ao postar vídeos no facebook e oferecer espaço para que ela pudesse se expressar. Além disso, o site da escola de idiomas em si já oferece muitas oportunidades de apropriação da língua, seja por meio de vídeos extras quanto os direcionados ao nível que estava cursando.

CONTEXTOS DE OPORTUNIDADE DE APRENDIZAGEM

Diante das abordagens expostas no capítulo anterior, é exposto a seguir um relato autorreflexivo do aprendizado da autora no curso de idiomas, das oportunidades de aprendizagem obtidas enquanto aprendiz.

Acerca das oportunidades de aprendizagem expostas por Crabbe (2003), ao que se refere às maneiras motivadas por afeto, estilo e motivo, embora não tenha havido perguntas sobre o sentimento de aprendizado havia bastante interação em todas as aulas, ou seja, o professor

questionava se todos os alunos estavam consultando o portal na parte em que tinha os exercícios e se faziam os exercícios de pdf que ele enviou no início do semestre (a lista de exercícios de pdf tinha resposta e o professor mostrava-se disponível para o envio de dúvidas).

Sobre a categoria de estilo/experiência, em que Crabbe (2003) leva os aprendizes a se questionarem se há facilidade em “pegar” oportunidade de aprendizagem, houve maior facilidade por parte da autora para analisá-las, uma vez que estava cursando uma disciplina voltada para o aprendizado de língua estrangeira em um curso de Pós-graduação na cidade de São Paulo. Sendo assim, as discussões em aula permitiram refletir sobre todo o período de aprendizagem valorizar mais o estudo da língua estrangeira.

Sobre esse mesmo tópico, Crabbe (2003) questiona se há algumas atividades mais úteis que outras e qual a preferência sobre ler, falar e ouvir. Nesse contexto é importante dizer que o professor perguntava, em algumas aulas, qual a preferência dos alunos, se *reading, listening or writing*. Também questionava quanto tempo queriam para fazer um exercício envolvendo leitura ou quanto precisariam para seguir um diálogo sobre algum tópico que estavam discutindo, o qual era sempre exposto no quadro da sala de aula e a partir dele deveriam iniciar a conversa. Em alguns exercícios também podiam escolher entre falar ou escrever e a escolha da autora era sempre pela fala, pois sendo uma dificuldade estava sendo oportunizada a aprendizagem.

Outro questionamento de Crabbe (2003) sobre estilo/experiência é sobre ter o hábito de ler na primeira língua. Sobre esse item, havia sempre orientação para que os alunos buscassem ler na língua estrangeira, de modo a ler o escrito pensando já no entendimento em português.

No tópico motivo Crabbe (2003) questiona se o aprendiz busca oportunidades de aprendizagem, se ele tem boa razão para aprender inglês, se há conexão entre o que tem como objetivo e as oportunidades que recebe, se o aprendiz está trabalhando para atingir os objetivos, se exige-se muito esforço para um efeito positivo. Diante dessas questões pode-se dizer que no portal da escola havia muitos exercícios que ofereciam oportunidade de aprendizagem estabelecendo uma conexão com o objetivo da autora de aprender, já que queria tanto saber a gramática quanto a língua em uso e questões culturais que perpassavam os vídeos.

É importante dizer que a grande motivação para aprender a língua inglesa é ter a chance de se comunicar com pessoas de outras culturas. Também há que se considerar que a ampliação do vocabulário da língua portuguesa brasileira com termos da língua estrangeira tem motivado o aprendizado da língua inglesa. Ademais, o crescimento das redes sociais tem permitido maior comunicação com pessoas de outros países, oportunizando o aprendizado.

Crabbe (2003) interroga se o aprendiz aproveita a oportunidade de aprendizagem, e, se individual ou colaborativamente, e a frequência em que isso ocorre. Nesse contexto, mediante as experiências da autora foi possível verificar que tem-se a oportunidade gerada pela colaboração do colega, pois durante a conversação em duplas o professor sempre ficava ouvindo e anotando o que era falado, e, posteriormente após finalizarem ele comentava sobre erros e acertos, chamando atenção para palavras novas que alguns alunos haviam perguntado e alertava para a pronúncia também. Logo, aprendia-se muito pelo que foi dito pelo colega e compartilhado pelo professor.

Nessa direção, o *framework* de oportunidade apresentado por Crabbe (2003) coloca como responsabilidade do professor propiciar e inteirar-se sobre o conhecimento da oportunidade de aprendizagem dentro e fora da sala de aula. Nesse contexto, faz-se importante destacar que o professor criou um grupo no facebook e, por meio dessa rede social, ele sempre enviava vídeos sobre comunicação em inglês, o que propiciava a chance de adquirir vocabulário e páginas de exercícios gramaticais com explicações. Tudo isso foi muito proveitoso, pois permitiu fazer diversos tipos de exercícios sobre um mesmo tópico gramatical.

Outra responsabilidade do professor, segundo Crabbe (2003), é estabelecer rotina de comportamento de aprendizado, o que é considerado uma tarefa difícil de realizar. No entanto, há que se esclarecer que o professor se engajou nessa proposta, pois ele sempre enviava o homework e exemplos apresentados nas aulas, os quais os alunos não puderam copiar. Além disso, todos os alunos tinham os exemplos mostrados pelos vídeos que ele postava na página do facebook.

Ao que se refere à sala de aula, algumas vezes causava incômodo o fato de não poder copiar todos os exemplos trabalhados em sala, já que o professor logo apagava o quadro e passava para outra atividade. Conforme dito, ele enviava alguns tópicos das discussões por mensagens, mas não era tudo, por isso a “cópia” do exposto no quadro seria interessante. Além disso, ainda que se deva ouvir e entender é importante ter anotações para rever posteriormente. De qualquer modo, há que se destacar que quando o aluno sente alguma insatisfação é importante interagir com o professor na busca de uma solução, o que não ocorria nesse caso.

Crabbe (2003) se refere à contribuição para uma sala de aula positiva e o envolvimento sociocultural como tarefa do professor. Nesse sentido, há que se ressaltar que o professor sempre buscava interagir com todos os alunos perguntando se não estavam gostando das aulas nos momentos em que ele perguntava algo e ninguém respondia de imediato. E sobre esse silêncio inicial, pode-se dizer que era devido à necessidade de tempo para entender as questões e formular as respostas e a turma, em geral, acabava não dizendo para o professor esperar

um pouco, dar um tempo para pensar. Porém, o fato de ele reclamar pela ausência de resposta, dizer sentir-se ignorado e perguntar se não estavam gostando das aulas, levou-os a pedir um tempo para pensar.

Na tentativa de interação da autora com o professor, algumas vezes ela lhe disse que estava gostando muito das aulas, que era um método muito diferente do que havia conhecido em outra escola de idiomas na qual estudou, além disso, enfatizou que já havia cursado um nível mais avançado e não tinha visto alguns pontos que estava vendo nesse curso.

Em relação ao envolvimento sociocultural, o professor sempre no início da aula contava sobre algum passeio em que ele havia feito ou notícias atuais e nos levava a dialogar, o que nos permitia usar a língua inglesa para falar do nosso cotidiano. Há que se considerar que a criação da página do Facebook na internet também aproximou nossa relação sociocultural.

De acordo com Crabbe (2003) outras responsabilidades do professor são: dar modelo e discutir abordagem de ensino, promover feedback positivo, ajudar o aluno estabelecer a rotina de aprendizado e encorajar o aluno a se autoavaliar. Dentre essas responsabilidades, é possível afirmar que o professor sempre dava o *feedback* das composições exigidas e da avaliação de final de curso e sempre que a autora enviava alguma dúvida sobre exercício ou sobre o ponto da aula ele se colocava à disposição. Pode-se dizer que a tentativa de ajudar o aluno na rotina de aprendizado foi também verificada por parte do professor, pois conforme já exposto, ao enviar os arquivos com exercícios em pdf orientou a todos que fizessem e fossem revisando a matéria dada em sala de aula, permitindo que fossem habituando-se ao aprendizado da língua.

Além disso, a criação da página do facebook foi uma forma de enviar vídeos levando à familiarização com a língua inglesa, o que é avaliado por Allwright (2005, p.24) como “o empenho do professor em planejar as lições e aproximar das vivências do aluno”.

Um único contraponto em relação à rotina de aprendizado é que em algumas atividades a autora pensava na situação de uso da língua de acordo com o contexto em que estava inserida, mas nem sempre isso ocorria e ela pensava que seria frequente, pois no primeiro dia de aula deram um questionário perguntando aos alunos: o que faziam; o que gostavam; sendo assim pensou que era a partir disso que se seguiriam as orientações em aula, adaptadas ao contexto de cada aluno, mas talvez pelo fato de ter muitos alunos na sala, em torno de 15, seria difícil e por isso o professor optou por seguir situações de ensino englobando contextos gerais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do explicitado, foi possível notar que, embora tenha faltado algumas estratégias que possibilitam a criação de oportunidade de aprendizagem, não se pode

negar que ela ocorreu, tanto em sala de aula quanto fora dela. Embora o professor não tenha comentado sobre todos os recursos disponíveis no endereço eletrônico da escola até porque a proposta talvez fosse mesmo a descoberta do aluno, ou seja, a autonomia, foi possível aproveitar bastante alguns dos recursos como os exercícios para o nível cursado e por meio dessa reflexão nota-se a bagagem adquirida e que será útil para os próximos anos de curso.

A interação do professor foi muito positiva e permitiu ter muita admiração pelo trabalho dele, pois ele não se colocava como imperativo e detentor do saber, como agiam muitos professores de cursos até então realizados e isso permitiu a autora dar credibilidade à sua própria capacidade de aprender a língua e ter coragem de dialogar mais em sala de aula. Em cursos anteriores a autora havia ido somente como ouvinte em algumas aulas, pois por se sentir discriminada pelos professores optava por não falar, o que só prejudicava o aprendizado da pronúncia na língua estrangeira.

A proposta da escola de dar prioridade aos diálogos em decorrência da escrita tem seu mérito, pois como na língua materna a fala vem antes da escrita e é muito importante que se dedique mais tempo para aprender a se comunicar oralmente. Isso também vai ao encontro do perfil dos estudantes, que em sua maioria, buscam dialogar para se prepararem para as viagens nos países que falam a língua estudada, ou seja, buscam oportunidades de trabalho também. O desenvolvimento da escrita, por sua vez, vai sendo adquirindo aos poucos, por meio da leitura em que se lê o escrito e a escrita, bem como por meio da prática, até mesmo fora da sala de aula.

Pode-se afirmar que o curso permitiu aprender com entusiasmo, entendendo que as oportunidades estão dispostas ao alcance de todos e o aluno aprendiz tem um papel fundamental na busca do aperfeiçoamento. Há que se reconhecer que não foram aproveitadas todas as atividades culturais promovidas pela escola por diversos motivos, mas foi possível adquirir uma nova identidade diante do aprendizado, pois há mais atenção para o uso do inglês ao assistir a um filme legendado e a opção por ler legendas em inglês ao invés de português tornou-se mais frequente. É importante dizer também que estudar em uma escola que propicia todo um arsenal para que o aluno possa aprender a língua estrangeira é extremamente motivador, pois permite que o aprendiz se sinta acolhido, consciente de que há pessoas dispostas a ajudá-lo a aprender e confiantes de que ele é capaz.

Além disso, o uso de ferramentas tecnológicas contribuiu sobremaneira para o aprendizado, pois possibilitou aos alunos ter outros recursos para além da sala de aula, em que pudesse se comunicar, seja lendo, digitando textos ou ouvindo diálogos.

Não houve incentivo para que o aluno escrevesse as reflexões sobre o aprendizado, como o fez, de forma autônoma, a autora, no entanto essa seria uma estratégia

interessante para o curso, pois poderia ser uma oportunidade para o aluno ter uma participação mais ativa no processo de ensino-aprendizagem, tanto por refletir quanto por escrever na língua estudada, e ainda obter um feedback do professor. Além disso, para este também seria oportuno, pois teria possibilidade de rever as formas de ensino e buscar sempre melhorias.

Espera-se que esse trabalho encoraje outros alunos a relatarem suas experiências e que contribua para uma melhor qualificação do professor na busca pela criação de oportunidades em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ALLWRIGTH, DICK. From teaching points to learning opportunities and beyond. *Quartely*, v. 39, n. 1, p. 09-31. 2005.
- CELANI, Maria A. A. Providing Opportunities For Learning: A Teacher Training Experience. In: Arthur Van Essen & Edward I. Burkart. (Org.). *Homage to W.R. Lee - Essays in English and a Foreign or Second Language*. Berlin: Foris Publications, 1992, p. 29-37.
- CRABBE, David. The quality of language learning opportunities. *Quartely*, v. 37, n.1, p. 09-34. 2003.
- D'ESPOSITO, Maria E. W.; CELANI, Maria A. A. O diálogo entre o pós-método e a complexidade: Criando oportunidades de aprendizagem na sala de aula. *The ESspecialist: Descrição, Ensino e Aprendizagem*, v. 2, n 38, ago-dez 2017.
- KUMARAVADIVELU, B. *Understanding Language Teaching: From method to postmethod*. ESL e Applied Linguistics Professional Series. 2006.
- LIBERALI, Fernanda C. *O diário como ferramenta para a reflexão crítica*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – LAEL, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, São Paulo, 1999. Disponível no sítio: http://www4.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/def_teses.html. Acesso em: 20 mai. 2018.
- MIRANDA, Josely I. F.; FELICE, Maria I. V. O Diário Reflexivo como Instrumento da Avaliação Formativa. *Revista Intercâmbio*, v. XXVI, p. 129-153, 2012. São Paulo: LAEL/PUCSP. P.
- NORTON, Bonny. Language, Identity and the Ownership of English. *TESOL Quarterly*, v. 31, n. 3, Language and Identity. Autumn, 1997, p. 409-429.
- PAIVA, Vera L. M. O. Autonomia e complexidade. *Linguagem & Ensino*, v. 9, n. 1, 2006, p. 77-127).
- WALLACE, Michael J. 1991. *Training foreign language teachers: a reflective approach*. Cambridge: Cambridge University Press.